

DILEMAS DO EDUCADOR FRENTE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL (0 A 6 ANOS)

Flavia Gonçalves de Santiago,
Jurcleidy Moritz Luz,
Márcia Mesquita, Zenilda Scalvin.

Sabemos que o homem é um ser sexuado, assim, tudo o que este realiza envolve esta dimensão. Como seres sexuados somos também sexualizados e a primeira manifestação disso é na hora do nascimento, quando nossos pais perguntam "é menino ou menina?"

Durante a inserção da criança nas instituições de educação infantil percebemos os comportamentos que se revelam ano a ano e a angústia de profissionais que muitas vezes não conseguem lidar com essa questão. Partindo destas dúvidas, realizamos uma reportagem com Roberto Warken, especialista da área na qual pretendemos esclarecer algumas de nossas dúvidas e de outros profissionais da área da Educação Infantil (0 a 6 anos).

Entrevista:

1) Como trabalhar com a sexualidade infantil, sem possuir atitudes repressivas e inadequadas frente a descoberta da criança sobre seu sexo?

RESPOSTA: Nós, que estamos estudando nas áreas pertinentes a educação, que pensamos que esta se resume somente em práticas pedagógicas, didáticas, em disciplinas que dizem respeito às nossas especializações, perdemos uma qualidade básica: deixamos de ser generalistas. E, dentre tantas coisas, deixamos de procurar saber mais a respeito de algo tão inerente a nós: nossas sexualidades. Limitamos nosso conhecimento sobre sexualidade tomando por base a nossa própria experiência e deixamos de lado toda a diversidade que a própria sexualidade implica.

A construção cultural de nossa sociedade é baseada em valores judaico-cristãos. Desta maneira não é de se espantar que encontremos pessoas conferindo às crianças um ar assexuado e angelical. Para elas, crianças não sentem prazer. Crianças na faixa do zero aos seis anos passam por duas fases de descobertas. A primeira é oral, logo na primeira idade, quando a criança é amamentada e procura levar a boca tudo que suas mãos conseguem pegar. Enquanto crescem vão descobrindo o seu corpo. Manusear o pênis ou tocar a vagina é apenas um ato comum de descoberta que, está acompanhada de prazer. As crianças realmente sentem prazer à medida em que avançam a idade e podemos perceber isso na relação que estabelecem com certos tipos de brinquedos e brincadeiras, onde a sua genitália está em contato com algo (o assento da bicicleta, por exemplo) ou, ou em contato com uma parte do corpo de alguém (como a coxa da mamãe com quem brinca de cavalinho).

A melhor forma de agir frente a descoberta da criança é deixá-la exercer sua descoberta. Se isso incomoda a outras crianças, é um bom motivo para sentar e conversar sobre formas de reprodução, sobre higiene, etc. Obviamente, há momentos em que a criança está com algum problema, como uma assadura, um machucado e cabe ao/a educador/a se aproximar questionar sem invadir, sem tornar o fato num problema público, o que realmente não é. Pois, em muitos momentos a manipulação de genitais, ou outras formas de expressão incomodam mais aos adultos, que as crianças. Depois que a curiosidade inicial passar, a atenção da criança se voltará para outras coisas que lhe chame a atenção.

Todavia, não podemos deixar alguns fatos. Se percebermos que a criança está passando mais tempo dando atenção a sua genitália de uma forma compulsiva, se abstendo do convívio social, se distanciando, é importante conversarmos com alguém mais experiente.

2) *Qual a orientação que o educador deve dar para os responsáveis pela criança e à que se masturba, que toca no órgão sexual de outra criança, que beija na boca e/ou que tem comportamentos contrário ao seu sexo?*

RESPOSTA: Creio que devemos repensar sobre este assunto. O papel do/a educador/a deve ser restrito aos seus alunos? Compete a ele/ela orientar os/as

responsáveis sobre temáticas relativas a sexualidade? Isto faz parte do quadro horário do educador? Deveria existir um espaço na escola que fosse voltado para esse tipo de atendimento?

Veja, não estou questionando a competência do/a professor/a e, sim, a dupla jornada de trabalho a que ele/ela poderá estar se submetendo. Por outro lado, estes (alguns) responsáveis querem sempre estar em comunicação com a pessoa responsável pelo repasse de informações e conhecimentos aos seus filhos, e vão procurá-lo/la sempre.

Se a criança se masturba de vez em quando, ou se beija de vez em quando o professor deve procurar contextualizar o grau de conhecimento e percepção que esta criança tem a respeito dessas atitudes. Afinal, qual é o mal da masturbação, do beijo na boca ? Isso está prejudicando o andamento das disciplinas? Causa bagunça, espanto, o quê?

Se, sim! É bom colocar os responsáveis a par. Afinal de contas, temos que tomar muito cuidado para não transformar um simples beijo num caso de assédio sexual.

Por outro lado, é bom que se diga que estas crianças tem recebido uma carga de informações muito sexualizadas. O que dizer das mães que fazem roupinhas para suas filhas se exibirem com a dancinha da garrafa, na escola, aos cuidados da professora que resolveu inventar um concurso de artes? O que esta criança recebe de informações da mídia, dos pais, amiguinhos? Quem está reproduzindo a cultura? Existe comportamento próprio do sexo? Você não estaria se referindo a uma orientação sexual supostamente diferente?

Se, sim, vale a pena ensinar as crianças que a sexualidade é diversa. Que existem várias formas de expressão sexual e que DEVEMOS RESPEITAR TODAS. Ensinar as crianças que as práticas sexuais devem ser somente aquelas voltadas para a procriação, que homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, etc são erradas, é assumir que a nossa herança judaico-cristã permeia nossa constituição como educadores e, que somos limitados sobre a vida, sobre o prazer.

3) Que postura o educador deve ter, mediante os responsáveis que reprimem a criança por evidenciar sua sexualidade?

RESPOSTA: Cabe o educador evidenciar algumas possíveis complicações

futuras, em nível sexual, psicológico, etc.

Uma pessoa não aceita como é, tornar-se-á uma pessoa infeliz, não digna. Quero deixar registrado aqui que não é pequeno o índice de suicídios de crianças e jovens que se sentem desajustados, não-amados por serem apenas, humanos diferentes. E, quem não é?

4) *Até que ponto deve ir este esclarecimento sobre a sexualidade, com crianças de 0 a 6 anos?*

RESPOSTA: A construção do saber é gradual. Você deve atender as necessidades das crianças de acordo com a capacidade de compreensão dela. Quem manda na sala é o aluno. Cada um determina a dosagem certa de conhecimento a receber, e não o contrário. Não se pode ser carteziano com alunos que tem personalidades distintas, historias de vida distintas..

5) *Visto que, algumas crianças recebem educação sexual de formas diferenciadas, como responder a questões como: "como eu fui parar na barriga da minha mãe?", "Como foi que eu nasci?", " Por que ela tem vagina e eu não?" "Por que o meu pênis é menor do que o dele?" Obs.: a criança muitas vezes recebe uma educação sexual "fantasiosa" que não condiz com a real.*

RESPOSTA: Da mesma forma como respondi acima, devemos usar o bom-senso. Explicar que um bebê surge de um ato sexual ou de uma inseminação artificial é uma coisa muito simples. O que não podemos fazer é transformar isto numa aula de sexualidade, de fisiologia dos órgãos sexuais, etc. Cada coisa no seu momento. É a criança quem pergunta. Outra coisa é dar a devida importância a isto. O ato sexual, o ato de beber, de respirar etc, são inerentes ao nosso organismo, ao nosso ser. São coisas comuns de acontecer (para não dizer naturais, normais).

Terminou este assunto, mude para outro. Se alguém quiser saber mais, ótimo.

6) *Considerações finais do entrevistado, dicas e sugestões sobre a sexualidade para professores de Educação Infantil (crianças de 0 a 6 anos):*

RESPOSTA: Existe alguma coisa sobre sexualidade indicado na pagina de literatura do site <http://www.glssite.net> e alguns links importantes em <http://educacaosexual.cjb.net> (que esta em construção).

No primeiro, encontrarão os livros de Juçara Teresinha Cabral (Sexualidade no Mundo Ocidental, A) e de Jimena Furlani (Mitos e Tabus da Sexualidade Humana). No segundo, teses, dissertações, cursos, sites para educadores.

Também deixo a indicação de Guacira Lopes Louro (Gênero, Sexualidade e Educação: Perspec. Pos-Estrutur Guaciara Louro - VOZES), dentre tantos outros.

Para terminar, penso que os currículos de vários cursos precisam ser revistos. O estudo da sexualidade é intrínseco a todas as ciências humanas e biomédicas. Penso que falássemos mais sobre as sexualidades em nossos cursos, até mesmo nos demais cursos (físicas, matemáticas, etc) seríamos pessoas mais voltadas a explorar as potencialidades do ser, e experimentarmos um pouco mais a felicidade.

Somos seres que criam os próprios códigos de convivência. Excluimos ou incluimos, de acordo com a conveniência. Por isso que temos uma sociedade que privilegia o homem, a cor branca, o dinheiro, a perfeição, etc.

Segregamos o diferente, apartheidizamos... nós somos muito cruéis!

Minha última sugestão: assistam a um filme chamado: OLHOS AZUIS.

BLUE EYES!

É muito legal!